

1)

Não apenas os eventos humanos, também a história da natureza tem seus monumentos, e pode-se dizer que no seu longo caminho de criação ela não passou por nenhum estágio sem ter deixado algo por marca. Tais monumentos da natureza são acessíveis em sua maioria, foram investigados de diversos modos, em parte realmente decifrados, mas não nos falam, permanecem mortos, se tal série de ações e produções não se interiorizou no homem. Tudo, portanto, lhe permanece inapreensível se não se interiorizou nele, isto é, se não foi remetido justamente ao mais íntimo de seu ser, que é para ele, por assim dizer, o testemunho vivo de toda verdade.

F. W. J. Schelling¹

2)

O filho é o reconciliador, o libertador e o redentor do pai, e se a força paternal antecedeu a do filho, ela antecedeu também não menos o pai; pois o pai mesmo só é pai no filho e pelo filho. Por isso, o filho também é de novo causa do ser do pai, e é sobretudo aqui que vale aquela sentença conhecida dos alquimistas: filho do filho é aquele que foi pai do filho.²

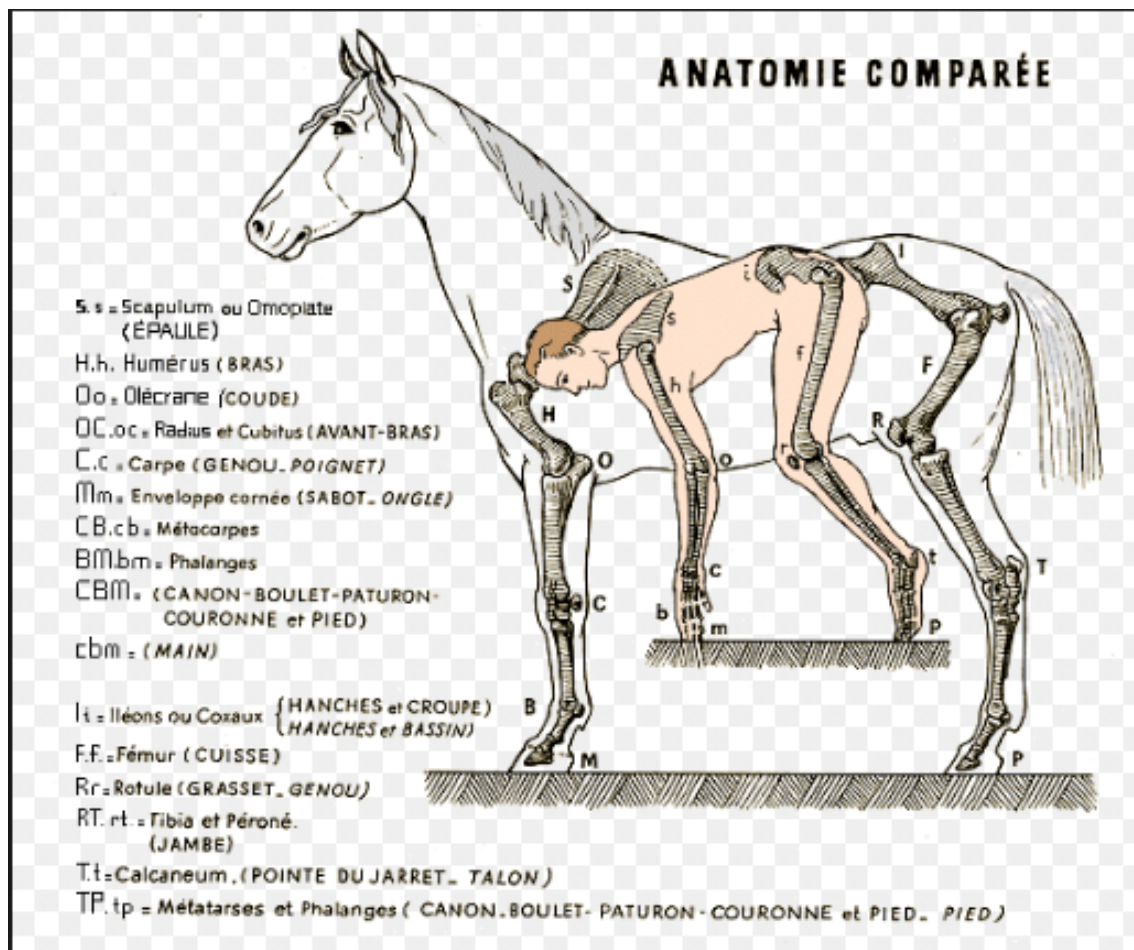
3)

A cobra está bem acima do ponto de vista da organização. Ela possui uma cabeça decidida, com um órgão auxiliar perfeito, uma mandíbula inferior avançada. Seu corpo, no entanto, é por assim dizer infinito, e ele pode sê-lo porque não tem de empregar nem matéria nem força nos órgãos auxiliares. Tão logo estes aparecem numa outra formação, como, por exemplo, no lagarto, onde só podem ser produzidos braços e pernas curtos, o comprimento incondicionado tem imediatamente de se estreitar, e dar lugar a um corpo mais curto. As pernas longas da rã constroem o corpo dessa criatura a uma forma bastante curta, e o sapo disforme também é espichado em largura por essa mesma lei.³

¹ F. W. J. Schelling, *Die Weltalter*, p. 578.

² F. W. J. Schelling, *As idades do mundo*. Fragmentos póstumos editados por Manfred Schröter. Munique: Beck, 1979, 2ª ed., p. 59.

³ J. W. Goethe, *Primeiro esboço de uma introdução geral à anatomia comparada, partindo da osteologia*. In: *Goethes Werke. Naturwissenschaftliche Schriften*. Weimar: Böhlau, 1893, vol. II, 8, 3, pp. 18-19.



4)
[...] porque a natureza, ao fazer a distribuição aos organismos, procedeu aqui com a maior parcimônia, como se ela não quisesse desperdiçar com a multidão aquilo que ela tem de melhor.⁴

5)
E assim a natureza também mostra, nessas analogias de criaturas em devir, isto é, de transição, porque ela colocou o sono de morte de entremeio com as figuras de seu reino. Ele é um aturdimento benfazejo, que envolve o ser no qual as forças orgânicas estão empenhadas numa nova formação. A criatura mesma, com sua menor ou maior consciência, não é forte o suficiente para ver até onde irá a sua luta, nem para dominá-la; por isso, ela adormece, e só acorda quando o que se formou já está ali. O sono de morte também é, portanto, uma branda condescendência paterna; é um ópio salutar, sob cujo efeito a natureza reúne suas forças, e o enfermo adormecido se cura.⁵

6)
Se, portanto, criaturas mais elevadas olharem para nós, elas poderão nos observar como nós observamos aqueles gêneros intermédios com que a natureza passa de um elemento a outro. O avestruz agita debilmente as suas asas apenas para a corrida, não para o voo; seu corpo pesado o puxa para o chão. Entretanto, a mãe organizadora também se preocupou com ele

⁴ C. F. Kielmeyer, op. cit., p. 13.

⁵ J. G. Herder, *Ideias para uma filosofia da história*. In: *Werke*, Frankfurt am Main: deutscher klassiker verlag, p. 192.

e com toda criatura intermédia; também elas são perfeitas em si e só parecem informes aos nossos olhos.⁶

7)

Mas a natureza jamais perde o que aprendeu um dia, embora na aquisição de cada novo poder ela suspenda ou execute com menos energia o ato imediatamente precedente. Ela com frequência omite uma faculdade, mas jamais falha em retomá-la de novo. Ela parece esquecida e ausente, mas apenas para se rememorar, com vigor tão *adicional* como *renovado*, em algum estado posterior e superior; como se o sono [*sleep*] dos poderes, tanto como o dos corpos, fosse a estação [*season*] e a condição de seu crescimento.⁷

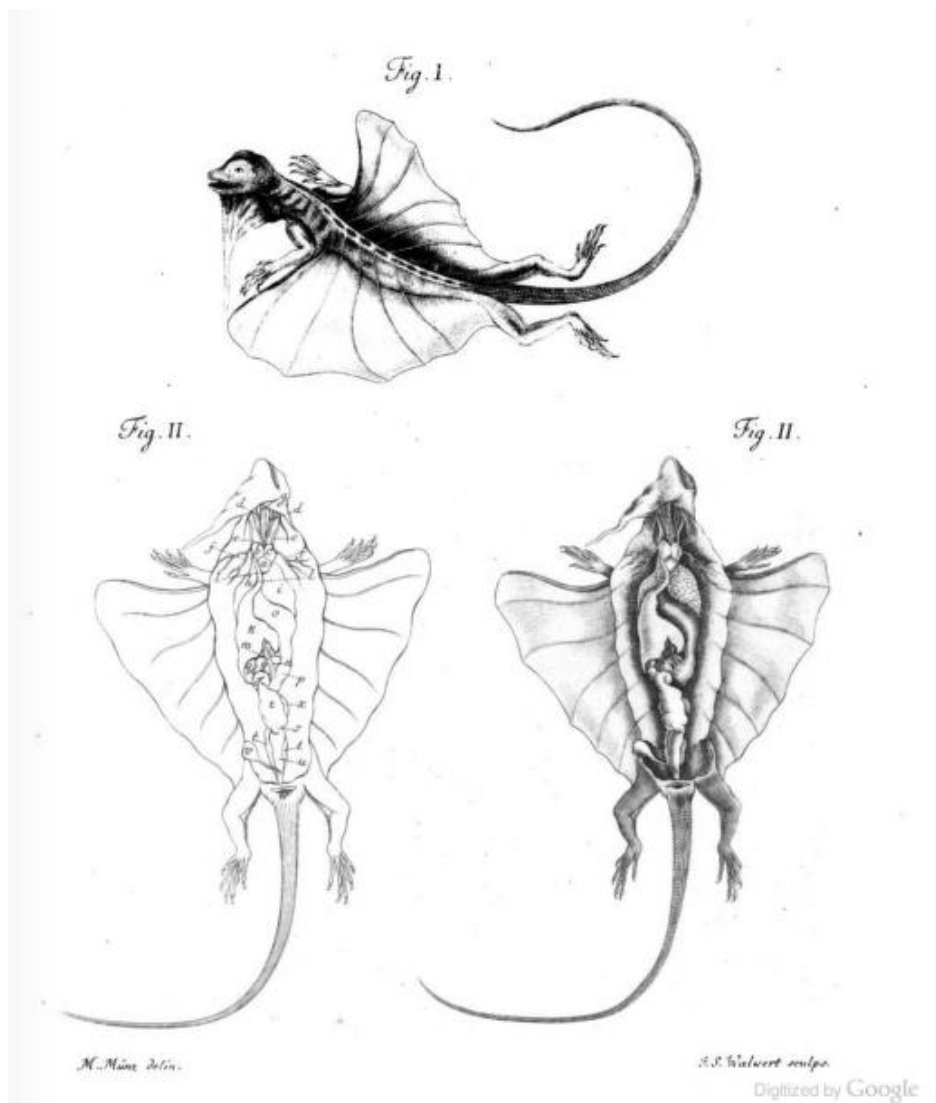
8)

[...] aquele curioso animal, o dragão, a anatomia do qual foi recentemente dada a público por Tiedemann; de seu trabalho, fica claro que essa criatura se nos apresenta com as asas do inseto e com o sistema nervoso, o cérebro e o crânio do pássaro em seus diversos rudimentos.⁸

⁶ J. G. Herder, *Ideias*, p. 195.

⁷ S. T. Coleridge, *Hints towards the formation of a more comprehensive theory of life*. Edição de S. B. Watson. Londres: Churchill, 1848, pp. 81- 82. Ver também p. 80: “Mas como se uma fraqueza de exaustão tivesse atingido esse avanço no momento em que se fez, a natureza parece ter necessidade de recuar e reexercitar-se no solo mais fundo que ocupou antes [...]” (Idem, p. 80)

⁸ Idem, p. 83.



Desenhos de M. Münz do “dragão” estudado por F. Tiedemann em seu livro de 1811

9)

Nessa trama, semelhante ao sonho, da fantasia, não é raro que as figuras divinas apareçam duplamente; como o curso dos tempos se inicia de novo com Júpiter, aquilo que existia antes dele é novamente gerado por ele, a fim de glorificar seu poder e o elevar a pai dos deuses.⁹

10)

Não é em vão que os antigos falavam de uma loucura divina e sagrada. É assim também que vemos a natureza já a caminho de um livre afloramento se tornar como que mais e mais vacilante à medida que se aproxima do espírito. Pois, de fato, todas as coisas da natureza se encontram num estado de ausência de consciência; mas aquelas criaturas que pertencem à época da derradeira luta entre separação e união, consciência e inconsciência, e que antecedem imediatamente o homem nas criações da natureza, nós as vemos errar num estado semelhante à embriaguez. Não é à toa que panteras e tigres são atrelados ao carro de Dioniso; pois essa selvagem vertigem de entusiasmo em que a natureza cai ao avistar o ser era o que

⁹ Moritz, *Götterlehre oder mythologische Dichtungen der Alten*. Frankfurt/Leipzig: Insel, 1999, p. 54.

o culto arcaico da natureza de povos premonitórios celebrava nas festas inebriantes das orgias báquicas.¹⁰

11)

A força fundamental de toda criação primordial e original tem de ser inconsciente e necessária, porque, a bem da verdade, nenhuma personalidade entra nela, assim como se reconhece tanto mais alta força de efetividade nas obras humanas, quanto mais impessoal é seu surgimento. Se uma inspiração se manifesta em obras literárias ou noutras, uma força cega também tem de se manifestar nelas. Toda criação consciente pressupõe uma criação inconsciente, e é apenas desdobramento, explicitação dela.¹¹

¹⁰ F. W. J. Schelling, *Die Weltalter*, p. 713.

¹¹ Idem, *ibidem*.